

O TRABALHO SILENCIOSO DA MULHER NO INTERIOR DA FLORESTA AMAZÔNICA

Maria das Graças Nascimento*

RESUMO: Este texto é parte integrante de um dos capítulos da Dissertação de Mestrado "O Espaço Ribeirinho: migrações nordestinas para os seringais da Amazônia". Fundamentado essencialmente nas entrevistas realizadas entre 1995 e 1996 com mulheres que trabalharam no corte da seringa, revelando o duro cotidiano da mulher que além de mãe, esposa, doméstica, ainda acrescentava à rotina exaustiva do corte, coleta e defumação do látex. Durante a realização dos trabalhos de campo foram entrevistadas várias mulheres que também exerceram a atividade do corte e da coleta do látex.

PALAVRAS – CHAVE: Atividade, Coleta do Látex, Cotidiano, Migrações e Mulher.

ABSTRACT: This text is an integral part of one of the chapters of the degree dissertation "The Riverside Area: Northeastern migrations for rubber tapping from Amazon". Based primarily on interviews conducted between 1995 and 1996 with women who worked on the cut of the syringe, revealing the hard everyday woman and mother, wife, still added to the home of cutting, smoking and collection of latex. When the work of field were interviewed several women who also exercised the activity from the cutting and collecting of latex.

KEYWORD : Activity, Collection of Latex, daily life, Migrations and Woman.

Este texto é parte integrante de um dos capítulos da Dissertação de Mestrado "O Espaço Ribeirinho: migrações nordestinas para os seringais da Amazônia". Fundamentado essencialmente nas entrevistas realizadas entre 1995 e 1996 com mulheres que trabalharam no corte da seringa, revelando o duro cotidiano da mulher que além de mãe, esposa, doméstica, ainda acrescentava à rotina exaustiva do corte, coleta e defumação do látex.

Durante a realização dos trabalhos de campo foram entrevistadas várias mulheres que também exerceram a atividade do corte e da coleta do látex. Esse fato exigiu atenção maior, visto que esta é uma realidade até então pouco conhecida, e

embora esta pesquisadora tenha em sua família pais e avós seringueiros, havia tido poucas informações sobre a amplitude do trabalho feminino no seringal.

O trabalho da mulher no seringal incorpora uma sobrecarga de atividades que vai da coleta do látex e defumação, aos afazeres domésticos como cuidar da casa, família, roça e das criações domésticas.

Embora o trabalho da mulher no cotidiano do seringal não ficasse em nada a dever ao trabalho executado pelo homem, a estrutura da sociedade do seringal não admitia o contrato de trabalho enquanto seringueira e, em conseqüência, não era permitido o seu cadastramento no Barracão e movimentação de conta no mesmo. Neste sentido, todas as ações da mulher eram contabilizadas de forma indireta, através do nome de seu companheiro, mesmo que este não estivesse mais vivo. Esta situação inviabiliza a aposentadoria das mulheres na categoria de seringueiro, com direito a receber dois salários mínimos.

A participação da mulher na sociedade do seringal deu-se de diversas formas. Uma delas é um tipo de prostituição, onde o próprio seringalista oferece mulheres para acompanhar o seringueiro solteiro nas colocações. Sendo empregada do Barracão, tomava-se companheira do seringueiro que não podia maltratá-la. Em caso de maus-tratos, a mulher retomava ao Barracão aguardando para servir a outro seringueiro. Vários desses contratos resultavam na oficialização do relacionamento e a mulher deixava de ser empregada do barracão para ser esposa de seringueiro. Segundo entrevista com um historiador da região, professor Amizael Gomes da Silva (entrevista em 1995):

...essas mulheres acertavam o contrato de um ano... e prosseguiam, ali;umas delas, até faziam o trabalho de "par-e-passo" com o companheiro, e há outras que se limitavam ao serviço domiciliar, trabalho que servia como consolo; o companheirismo amenizava bastante a situação do seringueiro que se encontrava na floresta

Existia também o contrato de "casamento" por tempo determinado ou não com a presença de testemunhas, mas, tanto no contrato de trabalho ou no de casamento, essas mulheres eram lançadas como mercadoria na conta corrente do seringueiro. No trecho desta entrevista percebemos que já era uma prática nos seringais este tipo de contrato:

Já em 1910, nós temos documentos que comprovam esse tipo de contrato, contrato escrito... a gente lendo documentos que foram enviados por Belfort de Oliveira que era um oficial aqui, a gente lendo esse documento verifica que existiam aquelas mulheres que faziam o contrato com os seringueiros para ficar. Talvez elas tenham feito esse contrato em função dos contratos de casamento que existiam na Bolívia que as pessoas assinam para viverem juntas. Assim os nossos seringueiros faziam para viver durante determinado período.

O objetivo do seringalista era fazer com que o seringueiro não perdesse tempo no trato doméstico ou na procura de mulheres em lugares distantes, tendo o mesmo que dedicar-se ao corte da seringa, dando conta da produção.

As entrevistas revelam três causas principais da presença da mulher no corte da seringa. A primeira é a necessidade dos pais em aumentar a renda utilizando-se da mão-de-obra familiar, que incluía as filhas ainda pequenas, que achavam natural ajudar no sustento da família. O dia-a-dia destas mulheres é repetitivo, pois a realidade é muito dura, não importando se o seringal está localizado em outros Estados como Acre, Amazonas Pará ou Rondônia. Em entrevistas realizadas entre 1995 e 1996 com as mulheres estas revelam o que sentem e pensam sobre o trabalho que executaram:

Eu comecei a cortar com a idade da seringa, com uns treze anos, a gente no seringal quando vê os pais da gente começando aí a gente aproveita.

A minha história é semelhante a de milhares de crianças e de jovens que viveram nos seringais da Amazônia (...) Eu comecei a trabalhar com meu pai desde muito criança, mas na atividade da extração da borracha da seringa eu comecei a partir dos onze anos, era natural, pois eu não conhecia outro tipo de trabalho (...) e isso chega a fazer parte da cultura das pessoas que trabalham na roça e que toda família desde cedo começa a ajudar.

Com onze anos eu já cortava seringa com meu pai, me casei com treze anos e continuei no corte (...) trabalhei uns sessenta anos no seringal.

Trabalhei no seringal do rio Abunã (...). Eu comecei com dez anos de idade, a caneta que meu pai me deu foi uma faca de cortar seringa. Eu não sei nem assinar meu nome (...) o trabalho que eu fazia era cortando, colhendo, defumando, tirando cavaco pra defumar.

Os trabalhadores nos seringais começavam a trabalhar ainda na infância, como a maioria dos trabalhadores rurais, mas nos seringais era mais dura essa realidade pelo isolamento. A organização do espaço no seringal possibilitava, na maioria das vezes, o isolamento praticamente de tudo. A Colocação poderia estar na beira do rio ou no meio da mata e, muitas vezes, distante umas das outras e distante, ainda, do confessam que só sabiam que existiam as pessoas de sua família, como o depoimento de Dona Juta, que vive hoje na Colônia Agrícola do IATA, em Rondônia, declara que, quando tinha uns quinze anos, mudou de um seringal para outro e, até então, a única pessoa que conhecia fora da família era o comboieiro que comprava a borracha e trazia os mantimentos para eles na Colocação.

A segunda causa do trabalho da mulher no corte da seringa é a decisão de ajudar o marido, que, endividado no Barracão, não vê outra saída. Algumas mulheres seringueiras entrevistadas, narram desta forma:

Me casei com dezoito anos e continuei trabalhando com ele no corte da seringa. Eu

saia assim seis horas para cortar aquelas voltinhas de cem madeiras, aí quando dava onze horas eu chegava para cuidar da comida e dar o almoço pra ele (...) às vezes eu já deixava tudo pronto, aí eu ia cortar, ia caçar, cuidar da roça...

Cortava seringa à noite porque o dia era para fazer farinha (...). Aí tive o primeiro filho, ele ficava à noite dormindo em casa (...). Depois os mais velhos iam cuidando dos mais novos, às vezes tinha onça esturrando perto de casa, eu deixava eles trancados em casa e ia cortar...

Trabalhei, trabalhei muitas vezes grávida, tive vinte e quatro filho, criei onze, tudo no seringal (...). Quando eu comecei com filho parei de sair de madrugada para cortar (...) me casei com dezesseis anos de idade hoje tenho sessenta e três e parei de cortar depois que viemos pra cá, está com uns sete anos que nós estamos aqui..

Eu nunca fui caí ida.O rapaz foi no Ceará e me carregou e veio me judiá aqui eu tinha treze anos quando cheguei no seringal (...) Vixi, se eu lhe contar o quanto eu sofri., todos os filhos foram criados na estopa, botava aqui nas costas e saia, quando dava vontade de ele mamar eu tirava, dava a mama, procurava uma grota e banhava (...) Cortava seringa, mesmo pra morrer. Eu saí porque não podia mais trabalhar.

Estas mulheres não somente trabalhavam mais duramente que os homens, mas também contribuía para o "bem-estar da família". Desde a mais idosa até a mais jovem dedicam-se intensamente a todos os tipos de atividade.

A terceira causa, é a perda ou a invalidez do chefe da família, pai ou mando; neste caso, a mulher assume todas as "estradas de seringa", recaindo sobre ela a responsabilidade não só de garantir o sustento da família como também saldar os débitos no barracão. Nas entrevistas estas mulheres falam de seus momentos difíceis e de sua coragem:

Eu passei um ano e seis meses viúva, no seringal do rio Abunã, cortando seringa sozinha. Eu cortava por dia de oitenta a noventa árvores (...). Saia de madrugada com a espingarda e mais uma poronga. Não tinha medo da mata, a gente se acostuma com os bichos e os bichos se acostumam com a gente, o seringueiro é um bicho (...). E você pensa que é só chegar e cortar? A gente chega mede as bandeiras aí raspa pra tirar essa casca grossa, fica só a vermelhinha e o corte mede uma "chave" (Uma "chave" é a medida que se refere a distância entre as extremidades dos dedos indicador e polegar) é tudo direitinho(...) Cortar seringa é trabalhoso..

Meu marido morreu de câncer e eu fiquei sem apoio nenhum (...). Cortei muita seringa, mesmo doente, saí do seringal com quarenta e dois anos porque não podia mais trabalhar (...) Devido eu não saber ler o patrão não me deu saldo, não ligaram muito pra mim...

Eu conheci uma mulher que o marido dela tinha ficado inválido sem condições de trabalhar. E ela que passou a cortar durante um ano para pagar as mercadorias compradas no barracão. Eles passaram muitas necessidades, ela não sabia atirar então não matava caça. Ela tinha um bebê que ainda mamava no peito e uma maiorzinha, então quando ela chegava em casa amamentava o bebê e tirava ainda restante do "leite" para fazer um mingau para a menina maiorzinha, pois não tinha nada para comer, ela conseguiu pagar o barracão e ainda tirou um saldozinho e foram embora.

De uma forma ou de outra, a presença da mulher na formação social dos seringais torna-se decisiva, na medida em que ela executava atividades necessárias para a subsistência da família, permitia ao seringueiro uma jornada menos exaustiva e um aumento de produção em virtude de uma dedicação maior dela ao extrativismo. E o seringal deixa de ser um acampamento só de homens. A presença da mulher nos seringais é um dos fatores que contribuíram para a fixação

do homem em um ambiente isolado como é o dos seringais; com isso, toma-se um empreendimento sócio-econômico organizado e produtivo para os seringalistas.

Atualmente boa parte das mulheres seringueiras está organizadas em Associações, Sindicatos e Cooperativas, e uma porcentagem significativa de mulheres faz parte do Conselho Nacional de Seringueiros (CNS) e da Organização de Seringueiros de Rondônia (OSR). Recentemente realizaram o "Primeiro Encontro de Mulheres Seringueiras do Estado de Rondônia", onde se discutiu temas como: o processo de organização social da mulher, saúde, educação, e aposentadoria para as mulheres seringueiras.

BIBLIOGRAFIA

NASCIMENTO, Maria das Graças. **O Espaço Ribeirinho: migrações nordestinas para os seringais da Amazônia.** Dissertação de Mestrado, FFLCH-DG/USP, São Paulo, mimeo. 1996.

***Maria das Graças Nascimento.** Mestre em Geografia Humana pela USP, Pesquisadora do Centro do Imaginário Social/UFRO, pesquisadora-associada do Laboratório de Geografia Humana e Planejamento Ambiental.